

O EVANGELHO TETRAMORFO

Da Pregação ao Evangelho | Os Evangelhos | O Evangelho como Critério de Vida

O QUE SIGNIFICA A PALAVRA «EVANGELHO»?

O termo «evangelho», depois de dois mil anos de história, assumiu uma fixação de conteúdo: refere-se aos escritos de Mateus, Marcos, Lucas e João, bem como a alguns textos apócrifos. Contudo, na sua formulação original, o substantivo grego evangelho não tinha uma aceitação religiosa, mas indicava **uma alegre notícia**.

A ocorrência mais antiga encontra-se na *Odisseia*, de Homero, e, na maior parte das ocorrências na antiguidade, refere-se a **uma notícia positiva de caráter político-militar**, associada frequentemente a uma vitória. É também associado ao culto imperial: os «evangelhos» são **anúncios que proclamam uma nova era de prosperidade** inaugurada pelo nascimento ou subida ao trono de um novo imperador. Assume um significado religioso na tradução grega de Isaías (Is 40,9; 52,7; 61,1), onde a **boa notícia anunciada é a salvação prometida pelo Senhor**. Nos escritos de Mateus e Marcos, evangelho designa o conteúdo da **pregação de Jesus**: «*Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus; convertei-vos e acreditai no evangelho*» (Mc 1,15).



Os quatro evangelhos, ao transmitirem a vida, os milagres e os ensinamentos de Jesus, alimentam a fé das comunidades cristãs e continuam a ser o caminho privilegiado para aceder a Jesus. Os mesmos não foram escritos para satisfazer as curiosidades históricas dos seus leitores e ouvintes, pois, ainda que contenham tradições que remetem a eventos históricos, não se confundem com crónicas jornalísticas. A sua principal finalidade é anunciar Jesus Cristo, entrelaçando fé e história e transmitindo, cada evangelho pela sua parte, um retrato original sobre Jesus, na medida em que contribuem para a compreensão da sua identidade e adentram a inesgotável riqueza da sua personalidade.

DA PREGAÇÃO DE JESUS À REDAÇÃO DOS EVANGELHOS

Não se conhecem quaisquer textos escritos atribuíveis ao próprio Jesus. O seu anúncio do Reino de Deus difundiu-se oralmente, pelo que os evangelhos não são fontes diretas, mas narravas acerca de Jesus. Entre os eventos pascais, no final do itinerário terreno de Cristo, e a redação do primeiro evangelho – o de Marcos – decorreram cerca de trinta anos. Este intervalo cronológico não pode ser entendido como um vazio, pois a memória de Jesus, da sua vida e das suas palavras, foi guardada e transmitida nas primeiras comunidades cristãs.

A memória das primeiras testemunhas é uma ponte fundamental entre Jesus e os evangelhos escritos sobre Ele. No período intermédio, enquanto não estavam ainda compostos os quatro evangelhos, circularam provavelmente



DO JESUS EVANGELIZADOR AO JESUS EVANGELIZADO...

Depois da Páscoa de Jesus, no anúncio das primeiras comunidades, o termo «evangelho» adquire um novo significado: Paulo identifica o seu evangelho com o próprio Jesus e, particularmente, com a sua morte, sepultura e ressurreição. O evangelho torna-se o conteúdo do anúncio dos primeiros cristãos, que outra coisa não é senão o próprio Jesus, morto e ressuscitado.

«Recordo-vos, irmãos, o evangelho que vos anunciei, que recebestes, no qual estais firmes, e por meio do qual sois salvos, se o conservardes nos termos em que vo-lo anunciei. Caso contrário, foi em vão que acreditastes. Com efeito, transmiti-vos, em primeiro lugar, o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras, 4foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia segundo as Escrituras, 5apareceu a Cefas e depois aos Doze» (1Cor 15,1-5).

Em meados do séc. II, o termo evangelho faz já referência às narrativas sobre a vida Jesus, transmitidas por escrito:

«Foi isso que os Apóstolos nas memórias por eles escritas, que se chamam evangelhos, nos transmitiram» (Justino, Apologia I, 66).

– entre as diversas comunidades – os relatos da paixão, os fragmentos que Paulo recebe da tradição anterior e insere nas suas cartas, bem como as próprias epístolas, onde encontramos testemunhos importantes acerca de Jesus. Por outro lado, pensa-se que tenha circulado uma recolha de ditos de Jesus (a chamada fonte Q) – de carácter sapiencial, didático, profético e apocalíptico –, comuns aos evangelhos de Mateus e Lucas, ainda que não existam testemunhos da sua existência.

O ponto de chegada deste processo gradual de transmissão é a recolha do material proveniente da tradição, por parte dos evangelistas, que o colocam por escrito. A continuidade que caracteriza o processo é descrita por Ireneu de Lião, ao referir o «evangelho tetramorfo» ou quadriforme (Ireneu de Lião, *Adversus Haereses* 3,11,8), no sentido em que o único evangelho assume múltiplas formas nas quatro versões canónicas. Porém, os evangelistas não são meros recolectores, pois reorganizam e reelaboram as tradições recebidas, de acordo com a finalidade que pretendem dar aos seus escritos e com a sua sensibilidade literária, procurando também responder aos problemas e desafios das comunidades em que se inserem.

EVANGELHOS SINÓPTICOS E EVANGELHO DE JOÃO

Mesmo uma leitura superficial dos evangelhos permite perceber que os evangelhos segundo Mateus, Marcos e Lucas partilham elementos comuns, além de possuírem uma articulação semelhante na sua estrutura global. Por este motivo, os três primeiros evangelhos dizem-se sinópticos, entendendo-se o termo como olhar simultâneo com o qual se pode abarcar textos semelhantes entre si.

Relativamente à estrutura, o evangelho de João – com exceção do relato da Paixão – distingue-se de todos os restantes. Com efeito, o quarto evangelho apresenta características literárias distintas: a linguagem é menos imediata e mais densa teologicamente, com um estilo

PALAVRA DE VIDA PARA NÓS

Esta semana comprometo-me a rezar, todos os dias, o salmo 145



DATAÇÃO

A redação dos evangelhos abarca cerca de vinte ou trinta anos, da metade dos anos 60 até ao fim do séc. I d.C. O mais antigo é o de Marcos; o mais recente o de João.

AUTORES

Os quatro evangelhos não reportam o nome dos autores. Do séc. II em diante foram acrescentados os títulos: «segundo Mateus», «segundo Marcos», ...

LÍNGUA

Os quatro foram escritos em grego, na forma popular difundida ao redor do Mediterrâneo. Jesus, por sua vez, falava aramaico – a língua franca do Médio Oriente Antigo, o que se reflete no grego usado nos evangelhos, influenciado pelo aramaico e pelo hebraico.

solene; prevalecem também os longos discursos de Jesus, em detrimento de muitos dos milagres presentes nos outros três evangelhos.

EVANGELHO SEGUNDO SÃO MARCOS

O evangelho segundo Marcos, o primeiro cronologicamente a ser redigido (cerca de 65-70 d.C., talvez em Roma), concentra o seu relato sobre a cruz de Cristo, diante da qual a fé do discípulo se decide. O texto identifica-se como «*evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus*» (Mc 1,1), mas são necessários dezasseis capítulos para demonstrar que isto só pode reconhecer-se diante do drama de quem não desce da cruz para salvar-se a si mesmo e os outros.

EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS

O evangelho de Mateus, escrito entre 70 e 80 d.C., talvez em Antioquia, prefere a vida pública de Jesus, decorrida quase sempre na Galileia. A sua vida pública revela que Jesus não é um homem qualquer, mas o Emanuel, o Deus conosco, que continua presente numa Igreja composta de pequenos a acolher e de irmãos a perdoar.

EVANGELHO SEGUNDO SÃO LUCAS

O evangelho de Lucas, escrito entre 70 e 80 d.C., pelo mesmo autor dos Atos dos Apóstolos, para destinatários não judeus, coloca o acento sobre a longa viagem que, da Galileia, conduz Jesus a Jerusalém. Nesta viagem, Jesus forma os discípulos num seguimento arriscado, mas digno de ser vivido, viagem que só terminará quando O reconhecem único Senhor da sua existência.

EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO

O evangelho de João, escrito no final do séc. I d.C., provavelmente na Ásia Menor, cria um sublime entrelaçado entre sinais, mais que milagres, e glória, mais que paixão. Tudo acontece na sequência de sete sinais com os quais Jesus manifesta a sua glória e na «*hora*» na qual o Pai glorifica o Filho, na morte na cruz.



Dado que muitos procuraram compor uma narração acerca dos factos que entre nós se completaram, como no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e servidores da palavra, entendi por bem, também eu, que desde o início averigüei atentamente todas as coisas, escrever-tos, de modo ordenado, caríssimo Teófilo, para que reconheças a solidez das palavras com que foste instruído.

Lc 1,1-4

Muitos outros sinais realizou Jesus diante dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro. Mas estes foram escritos para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais vida no seu nome.

Jo 20,30-31

O EVANGELHO COMO CRITÉRIO DE VIDA

Como biografias de Jesus, as quatro versões do mesmo evangelho, interpelam os seus leitores e ouvintes – de hoje, como de ontem – ao encontro com o Evangelho vivo, Jesus Cristo, e à adesão na fé ao seu projeto de vida e salvação. O desafio, portanto, é que, como leitores e ouvintes, nos encontremos no texto dos evangelhos e aprendamos a reviver na nossa existência a vida, a palavra e a Páscoa de Jesus. Rever-se nos evangelhos, colocarmo-nos dentro da narrativa, escutá-los como se fossem ditos para nós há-de tornar-nos, depois, anunciadores e testemunhas de um encontro libertador.

Ao longo da história, a leitura dos evangelhos sofreu tentativas de descrédito e adaptação: escolher um dos evangelistas, descartando os outros; substituir as quatro versões canónicas por uma quinta, que harmonizasse as discordâncias entre as quatro. Porém a beleza do evangelho está na sua fascinante complexidade e na oferta de uma vida nova que todos podemos acolher como dom, no encontro com Jesus Cristo, boa e alegre notícia do Pai para nós. O evangelho «não é uma verdade ao lado de outras verdades, mas põe em questão todas as verdades... Anuncia-nos a transformação da nossa creaturalidade em liberdade, a remissão dos nossos pecados, a vitória da vida sobre a morte, o reencontro de tudo o que está perdido. É o grito de alarme, o sinal do incêndio de um mundo novo em porvir!» (Karl Barth).

